



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 53

## Carteira de identidade

**Branca Vianna:** Cês tão me ouvindo? Tá ouvindo? Tá, tá bom.

Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna.

---

### ATO 1

**Maria Santos:** meu nome é Maria Santos, eu tenho 25 anos, sou atriz e escritora. [...]

**Branca Vianna:** Então, Maria, justamente sobre o teu nome.

**Branca Vianna:** Numa conversa que a gente teve antes do começo do Rádio Novelo Apresenta, a Maria tinha me falado uma coisa. Um assuntinho aleatório que surgiu no meio da conversa... que eu não esqueci. Que tem a ver com esquecimento, até.

**Branca Vianna:** E eu fiquei intrigada com uma coisa que você disse que eu nunca tinha, nunca tinha, nunca tinha pensado nisso. Nunca tinha ouvido falar.

**Branca Vianna:** A Maria tinha contado pra mim que, quando ela era pequena, ela vivia com um medo. O medo de esquecer o próprio nome.

**Maria Santos:** Porque eu acreditava que se eu não tivesse pensando nele naquele exato momento, eu iria esquecer. Então eu ficava repetindo ele compulsivamente na minha cabeça, porque a qualquer momento ele podia fugir de mim. Então eu tentava assim, enquanto eu fazia as coisas: "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", no meu cérebro, assim, na minha alma [...] E aí, depois, com o tempo, foi virando quase um mantra.

**Branca Vianna:** Começou quando ela tinha uns cinco anos.

**Maria Santos:** Era uma questão de memória mesmo, assim, como se eu não entendesse o que é isso, eu posso me lembrar de alguma coisa sem precisar estar pensando nela o tempo inteiro, né, a memória funciona assim, mas eu achava que ia dar um bug nesse sistema. E aí se desse... pode dar bug com tudo. Mas se eu perdesse o meu nome, eu não retornaria, assim.

**Branca Vianna:** O tempo ia passando, e o medo não ia embora.

**Maria Santos:** eu ficava "Maria", "Maria", "Maria", "Maria", "Maria"... quando eu ficava muito nervosa com alguma coisa, sim, quando parecia que eu ia me perder, não sei, eu ficava repetindo. Muito isso, muito, muito, muito, muito, muito. [...] Era o tempo inteiro, era uma perturbação. O meu próprio nome ficava, não saía da minha cabeça.

**Maria Santos:** eu achava que isso fosse um, um medo comum. Assim, esse medo da memória do nome [...]

**Branca Vianna:** Você achava que todo mundo fazia isso.

**Maria Santos:** É exatamente. Ou que as pessoas tinham maneiras mais elaboradas de lembrar, assim. Mas que as pessoas precisavam desses Post-Its, assim, para, para não esquecerem.

**Branca Vianna:** Pra Maria, essa luta contra o esquecimento significava fazer multitasking o tempo todo.

**Maria Santos:** Eu conseguia fazer duas coisas ao mesmo tempo. Tudo o que eu tinha que fazer, e ficar nessa compulsão. Era muito cansativo.

**Maria Santos:** Mas no momento em que— no momento seguinte em que esse nome não era mais dito, já tinha a ausência dele. Então eu voltava a repetir. É uma coisa que nunca... não se saciava assim.

**Branca Vianna:** A Maria é atriz. E esse lance do nome foi um problema quando ela começou a fazer teatro – porque, numa peça, nos ensaios, em tudo, você tem que esquecer um pouco o seu próprio nome e passar a atender por outro.

**Maria Santos:** isso era uma das coisas que mais me conturbava, assim. Era essa, essa experiência de tentar ser um outro, assim. Isso, novinha, assim, eu no palco antes de entrar em cena, apresentação de final de ano, escrevia meu nome no braço, assim. [...]

**Branca Vianna:** A terapia acabou ajudando a firmar o nome dela. Fazendo ele existir mesmo quando ele não era evocado o tempo todo.

**Maria Santos:** Deve ter um ano que eu melhorei. É recente, é recente. [...] Mas eu ainda faço um pouquinho, um pouquinho! “Mariamariamaria”. Um pouco.

**Branca Vianna:** Tem uma coisa que a gente aprende na primeira infância, que ninguém ensina. Chama “a permanência do objeto”. É assim: pruma criança pequenininha – um bebê mesmo –, se você pega uma bola que tá na frente dela e esconde atrás das suas costas, pro bebê, é como se aquela bola realmente deixasse de existir. Tipo, “se eu não tô vendo, não existe”.

Porque qualquer coisa que não tá diante dos olhos – que a gente não tá vendo, ou ouvindo, ou tocando, ou sentindo o cheiro – é um exercício de imaginação, né? Uma questão de fé, de certa forma.

Com a idade, a gente vai aprendendo a fazer esse salto.

A entender que os objetos existem de forma independente dos nossos sentidos.

Mas pensa só: um nome não é um objeto.

É uma palavra. Uma ideia.

Então ele só tá presente se você fala. Ou se você pensa.

Dá pra entender um pouco a angústia da Maria.

Porque um nome não é uma palavra como qualquer outra.

Um nome tem poder. O nosso nome – e os nomes que a gente pega emprestado também. Com outro nome, você pode virar outra pessoa.

E às vezes pode mesmo ser difícil fazer o caminho de volta...

No Rádio Novelo Apresenta de hoje, a gente fala sobre pessoas às voltas com a carteira de identidade delas, com nomes próprios e nomes emprestados.

Quem vai ser a nossa guia é a Natália Silva.

---

## ATO 2

**Débora:** Tá bom... Meu nome é Débora. Não, calma, dúvida, eu não vou falar meu sobrenome né? Porque é bem delicado esses assuntos todos e tem justiça no meio, eu não sei se eu posso ficar falando nomes e nomes, mas vou falar meu nome só Débora, pode ser?

**Natália Silva:** A situação delicada que a Débora se meteu com a justiça tem a ver com o nome dela. Com a identidade dela. Em 2018, ela começou a trabalhar numa agência em São Paulo. De publicidade, ela é publicitária. Logo no primeiro dia...

**Débora:** Primeiro dia nesta empresa, eu sentada na minha mesinha sem conhecer um ser humano daquela empresa, vem um cara [...]

**Natália Silva:** Falar com ela. Claramente muito nervoso.

**Débora:** [...] Ele estava pálido, tremendo, a boca dele tremia.

**Natália Silva:** Sabe, quando a pessoa tá muito ansiosa, que a boca treme?

**Débora:** Ele segurava a própria mão, assim, tipo uma bolinha na mão, porque ele não conseguia conter o nervosismo da mão dele.

**Natália Silva:** Ele pediu pra ir pra uma outra sala pras eles poderem conversar.

**Débora:** Oi? Achei que, sei lá, já era um trabalho, ele queria me falar alguma coisa, um trabalho, mas estava achando meio esquisito, porque era o meu primeiro dia de trabalho, como entrar numa reunião com uma pessoa que eu nunca vi na vida, que essa pessoa quer me falar?

**Natália Silva:** Mas ela foi atrás dele. Só que o cara foi andando muito devagar.

**Débora:** Pessoa, assim, andando lentamente como se fosse desmaiar. Senta comigo, frente a frente, e fala: "Eu tenho uma coisa muito chata para te falar". Aí eu: "O que?" Ele: "Eu namorei você por dois anos na internet".

**Natália Silva:** Um cara que ela nunca tinha visto na vida falando que tinha namorado com ela. A Débora ficou assustada.

**Débora:** Aí eu: "O que?"

**Natália Silva:** Mas não exatamente surpresa.

**Débora:** [...] Aí eu: "Já sei! É a Yasmin?" Aí ele: "Sim!"

**Natália Silva:** Yasmin. Ela já tinha ouvido falar desse nome antes.

**Natália:** Então vamos começar em 2016.

**Débora:** 2016... Um amigo meu me mandou uma mensagem falando... No facebook, tá? Ele me falou "Oi, amiga, te vi no Tinder" e me mandou um print

do Tinder, uma foto minha com o nome Yasmin, uma idade X que eu nem lembro mais, acho que era de 21 anos... "é você?"

**Natália Silva:** Não era ela. Mas era alguém que tava usando as fotos dela.

**Débora:** fotos que eu postava, sei lá, no Facebook, no Instagram, fotos aleatórias minhas que eu postava nas redes sociais...

**Natália Silva:** Alguém tinha criado um fake, um perfil falso. Não se passando pela Débora, mas roubando uma parte importante da identidade dela e de qualquer pessoa – a aparência.

**Natália:** E você lembra como você se sentiu? Você ficou lisonjeada que alguém tenha feito um fake?

**Débora:** Eu achei engraçado porque eu acho que naquela época a gente não sabia como que funcionava tudo isso de fake, então eu falei "Nossa, ah, tem um fake meu". Não feliz tipo "meu Deus! É uma pessoa fake usando minhas fotos, sou linda e maravilhosa". Mas eu não liguei de fato, eu só achei engraçado, eu lembro que eu ria assim. Nas mensagens, eu ria e falava: "Caralho, que tosqueira!" Mas só.

**Natália Silva:** O amigo dela denunciou o perfil no Tinder, e ficou por isso mesmo.

**Débora:** Eis que em 2017....

**Natália Silva:** Um ano depois da primeira aparição da Yasmin...

**Débora:** A mesma coisa. Um amigo meu, amigo de um namorado meu na época, me manda tipo "amiga, te vi aqui, não sei o que, já denunciei", porque ele já sabia que não era eu, né, eu namorava na época...

**Débora:** e aí eu falei "nossa, já faz um ano que essa pessoa usa", porque era o mesmo nome, era a tal da Yasmin, com as mesmas fotos... e eu falei "bom, continuou né?" Mas... Ok também. Passei a informação para a frente, acabou, denunciou, achei que só denunciar no Tinder ali estava tranquilo. Fim.

**Débora:** Posso continuar em 2017? (risos) fui fazer uma tatuagem, fiz a tatuagem, voltei para casa... Umas duas semanas depois, o cara da recepção

desse estúdio de tatuagem me manda uma mensagem direto no WhatsApp falando: "Vamos falar por aqui". E aí eu vi a fotinho, vi que era esse cara, eu falei "Ah, acho que ele vai me perguntar como cicatrizou a tatuagem", sei lá, né, tipo, não imaginei. E aí eu falei "Oi, não entendi. A tatuagem?" E aí ele falou "Não, a gente tá falando pelo Tinder. Não é você?"

**Natália Silva:** A Débora já começou a rir.

**Débora:** porque, né, a tal da Yasmin continuava...

**Natália Silva:** O cara mandou os prints das conversas com a Yasmin e disse que ia denunciar o perfil mais uma vez pro Tinder.

**Débora:** E aí, neste mesmo ano, eu recebo uma mensagem no Facebook... de uma outra pessoa, era um outro cara, e esse cara falou "Olá moça, meu nome é tal. Um amigo meu descobriu que estava passando por um golpe".

**Natália Silva:** Um "amigo".

**Débora:** Meu deus, Yasmin novamente.

**Natália Silva:** Mais prints de conversas com a Yasmin. Mais prints de fotos da Débora...

**Débora:** e ele me achou porque ele viu uma foto de uma amiga minha que postou no Instagram uma foto que no fundo aparecia o logo da minha empresa, ela trabalhava comigo e aí no fundinho tinha um logo da agência que eu trabalhava, e aí ele jogou no Google o nome dessa empresa e aí ele me achou, porque coincidentemente a empresa tinha postado que eu tinha entrado naquela agência. Então estava lá: "a nova integrante do time, Débora". E aí ele viu, Débora não é Yasmin, veio me chamar.

**Natália Silva:** Dessa vez, a história que a Yasmin tinha contado pro cara era mais complexa. Ela tinha uma família, um irmão... a Débora também tem um irmão.

Inclusive, o cara achou primeiro o irmão da Débora nas redes sociais.

E foi falar com ele sobre que tava acontecendo.

**Débora:** Ele até me perguntou: "É você?"

**Natália Silva:** O irmão dela.

**Débora:** E eu, gente, é a Yasmin, meu nome é Débora. Tipo... não.

**Natália Silva:** Mas essa dúvida de "ei... certeza que não é você?" é compreensível.

Porque não era só uma foto da Débora no perfil da Yasmin no Tinder.

Eram várias.

Mas a Débora não fez nada com essa informação... quer dizer, ela só pediu pro cara denunciar o perfil.

E ela deletou da cabeça o que tinha acontecido.

**Débora:** Deletei. Deletei da minha cabeça. Continuei vivendo.

**Natália Silva:** Até que chegou 2018, aquele fatídico primeiro dia de trabalho e a conversa na salinha com um cara que ela nunca tinha visto na vida.

**Débora:** "Eu tenho uma coisa muito chata para te falar".

**Natália Silva:** Dizendo que namorou com ela por dois anos.

**Débora:** "Eu namorei, conheci uma menina na internet através de um site de jogo". E eu sou péssima nessas coisas, tipo assim, não sei com certeza, porque eu não entendo nada de games. Mas enfim, era algum game, ele conheceu ela lá, ela tinha o meu perfil, minhas fotos, conversavam pela internet, nunca chegaram a se ver por vídeo, mas tiveram um relacionamento virtual, conversandinho, aquela coisinha. E aí ele descobriu, já tinha acabado o relacionamento, ele me falou que já tinha acabado o relacionamento dele, porque ela dava um monte de migué para se encontrar, então ele ficou de saco cheio, tinha terminado com ela. Mas aí ele descobriu naquele dia, olhando para a minha cara, que ele tinha namorado a pessoa errada.

**Débora:** A partir disso, eu comecei a ficar meio preocupada. Porque daí eu falei "Cara, eu encontrei uma pessoa pessoalmente". É perigoso.

**Natália Silva:** A Débora pensou: beleza, esse cara ficou abalado quando descobriu a verdade, mas ele é uma pessoa normal.

**Débora:** E se ela tem um relacionamento com uma outra pessoa que tem outro tipo de atitude, que me encontra na rua e acha que me conhece e faz



qualquer coisa comigo, seja tipo me abraçar no meio da rua ou brigar, sei lá, me bater porque eles tinham brigado... não sei.

**Natália:** Ele estava meio traumatizado, né?

**Débora:** Totalmente traumatizado. Ele estava tipo, bem nervoso. Foi muito engraçado que ele estava muito nervoso, muito, muito. E ele estava claramente alterado e com muita vergonha, que eu acho que é o principal de todos eles que me falam das histórias, eles sentem um pouco de vergonha.

**Natália Silva:** Eu queria conversar com esse cara. Eu até pedi pra Débora fazer a ponte, mas não rolou. Se eu tivesse no lugar dele... talvez eu também não quisesse.

**Débora:** Enfim, esse cara foi o ápice, assim. Só que aí eu fiquei com medo, porque eu falei: "cara, quarta pessoa, vi pessoalmente, eu corro risco na rua".

**Débora:** E aí eu fui na delegacia...

**Natália Silva:** Já que denunciar o perfil pro Tinder claramente não tava sendo o suficiente.

**Débora:** ...fiz um pen drive, imprimi, levei no celular, levei todos os tipos de materiais possíveis e fui na delegacia na hora do almoço, do lado do meu trabalho. Aconteceu isso num dia, e no dia seguinte eu fui.

**Natália Silva:** A Débora juntou todos os prints que ela tinha desses 4 caras que tinham vindo procurar ela.

**Débora:** E aí eu cheguei na delegacia, fui atendida pelo delegado, expliquei a situação e eu falei: "Olha, tem uma pessoa que usa minhas imagens, eu não sei como funciona isso, o que fazer com isso, mas eu vim aqui porque eu realmente tô ficando com medo e tal". E aí expliquei tudo para o delegado... e aí o cara começou a fazer um jogo comigo de, sei lá, cara, um jogo mental assim. Ele olhava para os prints todos impressos que eu levei para ele. Aí ele falava: "Moça, eu não sei se eu entendi. É você nas fotos?" Aí eu: "Sim, mas quem está por trás disso é uma outra pessoa". Aí ele: "Mas aí tem uma pessoa que não é você, que está usando as suas imagens". Aí eu "Sim,

Inclusive tem um cara do meu trabalho que pode vir aqui explicar que isso aconteceu". Aí ele: "Mas então não é você?".

**Natália Silva:** Como é que você prova que você não é você? Aí eu... "Moço, não sou eu, é uma pessoa que está usando as minhas imagens, não sei o que...". Ele... "Mas tem certeza que não é você? Pra dar uma fugidinha do casamento?"

**Débora:** "Moço, você acha que eu viria na delegacia falar que tem uma pessoa fazendo tudo isso, sendo que sou eu mesmo para fugir do relacionamento e transar com outras pessoas?" Tipo, oi? Eu comecei a ficar muito irritada, assim, porque eu estava sensível, sabe? Eu estava com medo de verdade. Comecei a gritar na delegacia, falei: "Moço, quem faria isso? Quem vem aqui para falar um negócio desses? Tá maluco?" Aí ele falou que ia me prender porque eu estava gritando. Você está gritando com autoridade. Eu realmente estava gritando porque eu estava inconformada do cara duvidar que eu estava usando um perfil fake pra transar com outras pessoas, tipo, gente, que vocês estão falando?

**Débora:** E aí... não consegui nada. Ele virou pra mim e falou: "Olha, a gente tem crimes muito maiores aqui pra resolver, coisas muito mais complexas, muito mais graves, isso daí é só um negócio na internet, foda-se". Aí eu: "Mas eu só queria fazer um BO". Ele falou: "Eu não vou fazer um BO, moça, tem um monte de gente sendo assaltada agora aqui na esquina. Não vou fazer o BO. Não é um problema. Você tem que entender que não é um problema". E eu chorando, berrando, saí de lá sem o BO.

**Natália Silva:** Isso foi em 2018. A Débora foi atrás de duas advogadas pra perguntar o que que ela podia fazer. Elas disseram que, pra conseguir abrir um processo, as pessoas que foram lesadas iam ter que registrar as provas que elas tinham. As conversas, os prints das fotos...

**Débora:** Tá... eu não vou conseguir fazer com que essas pessoas vão até comigo no cartório registrar essas conversas, até porque essas pessoas querem esquecer que elas passaram por isso, sabe? Elas têm vergonha disso.

**Natália Silva:** Imagina só convencer um monte de gente que nem te conhece, prestar depoimento pra polícia, participar das investigações, a ir até um cartório com você... ir até um cartório.

Cartório é um lugar onde você só vai quando não tem nenhuma outra saída.

Enfim... mas aquele cara do trabalho da Débora tinha dado uma informação nova pra ela.

**Débora:** Tinha um telefone.

**Natália Silva:** Um número de telefone. Com WhatsApp.

**Débora:** E aí eu peguei e mandei uma mensagem no telefone. Eu falei: "Olha, eu sei que você está fazendo isso, não sei quem é você, por favor, pare. Não precisa disso. E se você continuar, teremos problemas jurídicos". [risos] Quis bancar, como se eu soubesse, como se fosse acontecer alguma coisa, mas eu falei: "Teremos problemas jurídicos entre nós, não sei o que, pare."

**Natália Silva:** Adivinha?

**Débora:** Não parou.

**Natália Silva:** Mas calma... só pra você não se perder antes de entrar mais gente nessa história. 2016 foi a primeira vez que a Débora ouviu falar da Yasmin.

Um amigo dela viu um perfil no Tinder com esse nome, só que usando as fotos dela.

2017, foi a vez do cara do estúdio de tatuagem. E do moço com o "amigo" que tinha caído no golpe.

Em 2018, teve o primeiro dia de trabalho muito esquisito, e o delegado achando que a Débora tinha bolado a estratégia de traição mais original da história.

Ela conseguiu o número da Yasmin, mandou mensagem pedindo pra ela parar, mas não teve resposta.

**Débora** E aí nessa época também eu fechei meu Instagram, porque, enfim, tava começando a achar uma coisa meio esquisita, todas as minhas fotos aparecerem lá, avisei minhas amigas todas que era para fechar os perfis delas também, porque... Eram fotos que não eram só as minhas fotos, eram

fotos que meus amigos postavam de mim num grupo, num happy hour do trabalho, eram assim... ela fazia, essa pessoa que estava por trás disso, um mapeamento de toda minha rede social e meu círculo de amizades assim, sabe, porque, tinha amiga do trabalho, tinha amiga pessoal, tinha a minha família, ela seguia minha mãe. Ela pegava fotos que a minha mãe postava do Natal, sabe?

**Natália Silva:** Creepy, né? E tem mais um detalhe. Praticamente desde que a Yasmin entrou na vida da Débora, ela tava namorando.

**Débora:** Ele sabia desde o começo. Ele acompanhou tudo.

**Natália Silva:** O namorado dela achava esquisito, mas não tinha muito o que fazer além disso... A Débora falou que a situação ficava bem estranha quando ela se viu trabalhando no mesmo lugar que aquele cara que tinha "namorado" a Yasmin.

**Débora:** Graças a Deus, depois que ele me falou isso, ele saiu da empresa, tipo uma semana depois.

**Natália Silva:** Então eles se viam pouco, só nos happy hours da agência que o cara aparecia de vez em quando. Mas, ainda assim, ela ficava muito desconfortável.

**Débora:** Eu ficava tipo: "Meu Deus, não posso olhar muito pra ele, porque ele vai achar também sei lá que eu posso querer ficar com ele", sei lá, sabe? Você começa a confundir na sua cabeça, tipo a realidade mesmo, sabe? Tipo: "tá, não era eu". Você quer deixar muito claro que não era você, mas a pessoa viveu isso, então na cabeça dela ela olha pra mim, ela lembra do que ela viveu, então eu não sabia como lidar, sabe?

**Natália Silva:** Aquele cara tinha se apaixonado pela Débora, né? Por uma parte dela. Ela tinha consciência de que o cara tinha gostado da aparência dela.

**Débora:** E eu acho que também pra ele não era mais nada a ver, mas você fica com aquela sensação de, tipo, "A gente é próximo?" "Não, não é. Mas aconteceu isso. Então se sente próximo..." juro, é uma, é uma loucura esse sentimento que dá de, sei lá, de proximidade com a pessoa que você nunca viu na vida.

**Natália Silva:** Ela não viu ele. Mas ele viu ela. Ele... os outros caras no Tinder, e...

**Débora:** Aí, em 2019, um outro cara me chama direto no WhatsApp. E esse cara foi crucial para tudo. Mas ele foi o cara que eu mais senti medo na vida. A foto dele do WhatsApp já me dava medo porque era uma caveira com umas armas assim em cruz, eu já estava tipo "meu Deus!" Tanto que o nome que eu salvei dele no WhatsApp era tipo "Cara estranho suspeito".

**Natália Silva:** Repara que não bastou o "estranho". Tinha que ter o "suspeito" também.

**Débora:** Ele começou a falar que ele era instrutor de tiro em Israel.

**Natália Silva:** Então o relacionamento dele e da Yasmin era à distância.

**Débora:** E aí ele conta a história inteira. Tipo, de tudo. Ela tinha a mãe dela – que era foto da minha mãe –, tinha o meu pai – e fotos do meu pai... e a minha mãe tinha morrido na história que ela tinha criado pra ele. Ela postava nesse número esse status do celular, foto da minha mãe com tipo "mamãe, sinto sua falta". Então a história estava muito mais complexa. Tipo, tinha uma pessoa da minha família que tinha morrido, ela usava muitas fotos dos meus sobrinhos...

**Natália Silva:** Sobrinhos pequenos. Foto de criança. O cara mandou print, áudios de conversa, tudo o que ele tinha da Yasmin... ele tava muito puto. Porque ele tinha pagado um curso pra Yasmin fazer em São Paulo.

**Débora:** Ele estava se sentindo muito, muito enganado, muito mais do que os outros. Os outros estavam putos assim, mas nada nesse nível... e ele estava muito, muito puto, e aí quando ele... A história, né, que eu sei, quando ele veio para São Paulo, ele tentou encontrá-la, sempre uma grande desculpa, até que ele mandou o número do celular para um amigo dele que é policial...

**Natália Silva:** Mais uma pessoa armada na história.

**Débora:** Então a história já estava louca. O cara instrutor de tiro em Israel, umas foto de caveira com arma. 2019, Bolsonaro, eu falei: "Gente, vou morrer".

**Débora:** E aí... O ápice de tudo. Ele me entregou todos os dados da pessoa que estava por trás disso.

**Natália Silva:** A Yasmin.

**Débora:** Então ele tinha o endereço dela, o nome dela, o CPF dela, a altura dela, a foto, a ficha da polícia, tipo a ficha cadastral no CPF. Eu não sei. A polícia deve ter uma ficha de todos nós com o rosto, a cor, o tamanho, a altura, tudo.

**Natália Silva:** E era muita coisa. A Débora me mostrou a troca de mensagens dela com esse cara, lá em 2019. Ela dá "oi", e ele já chama ela pelo nome e diz que tem informações sobre alguém se passando por ela.

O cara diz que se sente muito mal de ter que ser a pessoa a contar pra ela que isso tá acontecendo. Mal sabia ele que a Yasmin já era praticamente uma conhecida da Débora...

Mas assim, piora muito.

Como todos os outros, o "Cara estranho suspeito" conheceu a Yasmin na internet. Eles começaram a se falar e, como ele morava em Israel, eles não se viam pessoalmente.

Eles se falavam por telefone, nunca por vídeo, porque ela sempre achava uma desculpa.

O cara já tinha motivo pra desconfiar... e aí a Yasmin começou a cair em contradição. O cara estranho suspeito contou pra Débora que ele trabalha na área de investigação.

Quando ele sacou que tinha uma coisa "muito séria" acontecendo, nas palavras dele, ele começou a juntar prova. Ele não confrontou a Yasmin. Ele passou a observar o que ela tava fazendo.

Até que ela deu um passo em falso. Um dia, ela publicou um vídeo em que a Débora aparecia trabalhando. No fundo, na parede, dava pra ver o nome da agência. Ele procurou a agência, entrou no site... e achou a Débora, não a Yasmin.

**Débora:** Ele sabia tudo. Só que... Foi ótimo, eu falei: "Caralho, o cara me trouxe todas as informações", mas ao mesmo tempo eu entrei em choque, porque eu falei: "Se ele sabe tudo isso dela e ele sabe o meu celular, ele sabe tudo de mim".

**Natália Silva:** Ele sabia o nome da Débora, onde ela trabalhava e encontrou o telefone dela. Sabe-se lá como, mas ele disse que não tinha sido difícil, porque ele trabalhava com isso.

**Débora:** E eu comecei a entrar numa nóia de tipo: "Gente, essa pessoa é real? Esse cara é ela?"

**Natália Silva:** A Débora acha que ele deve ter passado um tempo investigando se ela mesma não era a Yasmin. Se ela não tava usando um outro nome pra enganar gente por aí. O delegado tinha desconfiado dela, né?

Esse cara estranho suspeito podia ter pensando a mesma coisa. Mas, pelo menos quando ele entrou em contato com ela, ele claramente já sabia que a Débora era a Débora. E que a Yasmin... não era Yasmin. Ela tinha outro nome.

Um nome de verdade, que agora a Débora sabia também.

**Débora:** E aí comecei a fuçar, né, quem era.

**Natália Silva:** O perfil de instagram da tal "Yasmin", Facebook, os perfis dos pais dela...O que mais chocou a Débora é que a garota tinha exatamente a mesma idade que ela. Ela esperava que fosse uma pessoa mais nova, com tempo sobrando pra criar toda uma história de vida, o arco da personagem... mas não, era uma mulher adulta.

**Natália:** Não tinha nada estranho?

**Débora:** Nada estranho, nada estranho. Era só uma pessoa que provavelmente tinha muito problema de autoestima assim...

**Natália Silva:** Agora que a Débora tinha o perfil real da Yasmin, que não chama Yasmin... e que eu não vou falar o nome, por motivos óbvios... ela conseguiu sacar como a garota tava tendo acesso às fotos dela.

**Débora:** Eu comecei a ver no meu perfil do Instagram e no perfil das minhas amigas as postagens antigas, e a gente viu que ela visualizava tudo mesmo, sabe, nos stories que você consegue ver quem viu?

**Natália Silva:** Só pra explicar pra quem nunca usou o Instagram. Tem um negócio chamado stories, que é um tipo de publicação temporária.

Você posta lá no seu perfil, e, 24 horas depois, some. Nesse meio tempo, se você clicar no cantinho da tela, você consegue ver quem viu a postagem.

**Débora:** Sempre tava lá nas postagens antigas a fotinho dela stalkeando tudo.

**Natália Silva:** No Instagram, no Facebook...

**Débora:** Ela tinha minha mãe de amiga, sabe?

**Natália:** Ela estava te seguindo quando você descobriu o que ela era.

**Débora:** Ela estava me seguindo. Ela estava me seguindo.

**Natália:** Ai... é tipo, sei lá, cê percebe que o ladrão está dentro da sua casa e você também, né?

**Débora:** É essa sensação. Você fala: "Eu estou sendo vigiada". Eu lembro que quando esse cara falou comigo, entrei tanto na noia que eu comecei a fechar as janelas da minha casa, sabendo que ela morava em Sorocaba, eu fiquei fechada por três dias dentro desse apartamento, porque eu comecei a ficar com medo real de tipo: "Será que ela está me vendo pela janela?" Ela me vê em todos os lugares. A vida dela é ver minhas amigas, todos os dias nos stories de todo mundo para ver se eu apareço. E se eu descer ela estiver aqui? Porque agora ela sabe que eu descobri que é ela.

**Natália Silva:** Mesmo com medo, a Débora confrontou a Yasmin. De novo.

**Débora:** Mande um textão, e nesse textão eu falei:

**Natália Silva:** Oi, Yasmin.

**Débora:** Você mora na rua tal, o seu CPF é tal, o endereço é tal, o nome de seu pai é tal. Falei tudo que eu sabia dela e o cara tinha me passado tudo, eu copieie e coleie. Mandeie mensagem pra ela de novo, ela visualizou imediatamente e me bloqueou...

**Natália Silva:** Eu acheie a mensagem da Débora muito boa.



O tipo de coisa que você só escreve quando teve muito tempo pra pensar no que dizer.

No caso, ela teve 4 anos pra pensar.

Num ponto da mensagem, a Débora falou pra Yasmin: "estranho quando um estranho sabe tanta coisa sobre a gente, né? Eu sei exatamente como é".

E, mais uma vez, a Débora pediu pra Yasmin parar. Ela escreveu assim:

"Eu acho que podemos resolver essa questão de maneira clara e objetiva, conversando. Isso tudo já passou do ponto."

E, de novo, a Débora disse que ia processar ela se isso não acontecesse.

**Natália:** Tá. Aí chegamos em 2021, você voltou da Argentina pro Brasil.

**Natália Silva:** Toda essa série de true crime com o cara estranho suspeito tinha acontecido em 2019. Depois disso, foram quase 2 anos sem ouvir falar da Yasmin.

Ela não respondeu aquela mensagem, mas parecia ter entendido o recado...

Em 2020, a Débora foi morar com o namorado na Argentina por um tempo. Em 2021, ela voltou pro Brasil.

**Débora:** Voltei pra morar de novo no Brasil... e aí, um belo dia, que eu estava no sofá assistindo uma série num fim de semana com o meu namorado, eu recebo uma solicitação de mensagem no Instagram. E era um tal de Matheus. Aí eu falei: "Certeza que é isso".

**Débora:** "Não pode ser, não pode ser, não pode ser..."

**Débora:** Respirei, abri.

**Débora:** E aí a mesma história. Era a Yasmin, era o mesmo telefone, mas ela mudou... ela mudava assim a— o vínculo com as pessoas. Então, meu pai e minha mãe tinham outros nomes. A criança que era a minha sobrinha, agora era a filha dela e não mais a irmã dela. A foto que eu postava com meu namorado, antes era meu primo, agora era meu irmão. Então era a mesma Yasmin, só que era uma história diferente.

**Natália Silva:** Pro cara de Israel, a Yasmin tinha dito que a mãe dela tinha morrido. Dessa vez, era o pai.

**Débora:** Tem áudios dela pro cara, e ele me mandou dela chorando, berrando no telefone porque o pai tinha morrido. E ela chegou a pedir dinheiro para esse cara para o caixão do pai.

**Natália Silva:** Esse cara que procurou a Débora pra contar a história também tinha tudo salvo. Inclusive esses áudios da Yasmin chorando. Ele mandou pra Débora, e a Débora mandou pra mim.

São vários áudios, mas eu só consegui escutar um. E eu não vou colocar pra você ouvir. Porque a sensação que eu tive ouvindo foi de cair num buraco.

Claramente, a Yasmin tinha algum problema de saúde mental. Dependendo de qual é esse transtorno, isso pode isentar ela de responsabilidade, ou não.

Mas saber disso coloca você – que tá ouvindo essa história – e eu, que tô contando – em outro lugar. E a Débora também, é claro.

**Débora:** Fiquei muito mal com essa história mesmo. Eu já tava, assim, esgotada. Eu chorei muito. Nas outras, eu estava muito brava. Nessa eu, tipo, tava assim, realmente chorando horrores. Eu estava exausta, sabe? Porque você tem uma esperança de que isso vai acabar naturalmente. As pessoas crescem, as pessoas evoluem. Tem coisas que você fazia em 2016 que não faz nenhum sentido em 2021 na sua cabeça, sabe?

**Natália Silva:** Na sua cabeça. Mas na da Yasmin continuava fazendo sentido.

**Débora:** E isso me fazia questionar se eu pegava advogado ou não... Até que chegou nesse limite.

**Natália Silva:** Em 2021, a Débora finalmente tomou coragem pra ir atrás de um advogado de novo. Ela já tinha tentado fazer isso lá trás, mas acabou não indo pra frente por causa da burocracia.

**Débora:** E aí eu entrei em contato com o cara que é advogado criminalista cibernético. Ele trabalha com empresas e trabalha com pessoas físicas também. E aí contei pra ele, tipo uma criança de 12 anos, eu chorava no

telefone com advogados. Falei: "Moço, eu não aguento mais. É muita, é muita coisa". E aí ele "Nossa, meu Deus, isso é realmente muito grave". Ele falou "tem muitos crimes dentro desse crime, porque não é só falsidade ideológica, ela usa criança, ela usa pra extorquir pessoas, enfim, vários problemas dentro de um problema só, né? Ele falou: "Vou chamar aqui a equipe pra todo mundo estar a par dentro desse escritório. Eu acho que a gente pode processar ela no civil e no criminal".

**Natália Silva:** Outros advogados do escritório entraram no caso, a Débora contou tudo pra eles, fez um powerpoint com todas as provas que ela tinha, várias reuniões...E óbvio que isso tudo custou, né?

**Natália:** Você pode me dizer quando você gastou de advogado? Quanto custou pra você?

**Débora:** Eu gastei 30 mil de advogado.

**Natália Silva:** 30 mil reais.

**Débora:** Foi muito caro, mas eu estava certa e eles me trouxeram uma segurança muito braba, assim sabe? Eu estava muito confiante porque eles sabiam que eles estavam fazendo. As outras que eu tinha falado lá atrás, né, quando eu fui na delegacia e depois fui procurar, elas estavam meio tipo: "Ai, precisa de tal, não sei o que." Ele falou "não precisa de nada, agora a gente tem lei de crime cibernético, saiu agora em 2021. A gente está coberto. São vários crimes dentro de um crime, é isso, bora, bora, bora."

**Natália Silva:** Essa lei que a Débora tá falando aumentou a pena pra crimes cometidos na internet. No caso de estelionato, a pena máxima passou de cinco pra oito anos de prisão. Além de ter que pagar multa.

Enfim...

A Débora queria usar tudo isso pra conseguir fazer a Yasmin parar.

O que aconteceu depois que os advogados entraram em cena foi o seguinte: eles tiveram que pedir a quebra de sigilo telefônico e das redes sociais da Yasmin. Pra provar, de vez, que ela não era a Débora.

Quando a Débora ouviu falar em "quebra de sigilo", ela pensou "putz, esse processo vai durar pra sempre". Até a justiça autorizar, até os aplicativos cederem as informações... não ia acabar nunca.

**Débora:** Só que aí, graças a Deus, a Telefônica, que é o celular que ela usava, o número de telefone que ela usava, liberou o registro e o responsável por aquela linha. E aí, no final do ano passado, em 2022, eu acordo, pego o meu celular e tem uma mensagem da pessoa original que está por trás disso. "Pelo amor de Deus! Vamos ser amigas, eu te falo tudo da minha vida, não faça isso comigo".

**Natália Silva:** A Débora não entendeu nada.

**Débora:** Eu li a mensagem, falei: "Alguma coisa aconteceu". Liguei pro advogado. Falei com ele: "Ela me mandou mensagem". Mandei um print, falei: "alguma coisa aconteceu". Tá acontecendo. Eu acendi! Eu falei: "Meu Deus, foi a melhor notícia que eu tive."

**Natália Silva:** Em todos esses anos, a Yasmin nunca tinha falado com a Débora. Ela simplesmente ignorava ela. E o que aconteceu pra mudar isso foi que... o número de telefone que a Yasmin usava era da empresa. A empresa onde a pessoa de verdade por trás disso trabalhava. Quando o número entrou no pedido de quebra de sigilo, a empresa foi contatada.

**Débora:** Então o que aconteceu naquele dia? Ela foi chamada no RH porque a empresa recebeu uma notificação judicial falando que aquele número de telefone estava sendo processado, enfim, não sei os termos corretos disso, mas enfim, estava lá em problemas jurídicos e o RH chamou e falou: "Gata, esse número você que usa. Que que tá acontecendo?"

**Natália Silva:** O advogado da Débora ligou pra Yasmin e falou que eles podiam fazer um acordo pra abafar aquele caso o mais rápido possível, como ela queria.

**Débora:** O acordo tem várias cláusulas lá. É tipo: manter distância, ela não pode passar um dia do dia do mês que ela tem que me depositar o valor, se não ela paga uma multa.

**Natália Silva:** O valor do acordo. A Yasmin vai ter que pagar pra Débora, ao longo de muitos anos, uma indenização por danos morais. Se ela não pagar as parcelas, ela é multada.

Obviamente, o acordo também diz que ela nunca mais pode usar nenhuma das imagens que ela tem da Débora. É um contrato bem detalhado e bem assustador, pra "Yasmin" realmente parar.

Mas tinha outra coisa que a Débora queria também.

**Débora:** E eu falava muito isso pro advogado, eu falava: "Eu queria sentar com ela numa sala". A gente vai chegar no momento que vai estar num tribunal, e eu de um lado e ela do outro, pra eu olhar pra ela e perguntar: "Por que você fez isso, amiga?" Meu sonho é saber porque ela fez isso, sabe?

**Natália Silva:** Isso ela nunca conseguiu entender. O porquê.

**Débora:** Eu queria muito saber. E uma das perguntas que tenho na minha cabeça também é: "Por que eu?" Como ela me achou?

**Natália Silva:** Enfim, a história acabou, a indenização tá sendo paga, mas a Débora ficou sem a resposta do porquê. Eu queria muito poder ajudar a Débora a encontrar essa resposta. E aí aconteceu uma coisa meio... surreal.

**Anna:** Oiê, tá me ouvindo?

**Natália Silva:** Calma! Essa não é a Yasmin.

**Anna:** Meu nome é Anna, eu tenho 33 anos e sou de Uberlândia e atualmente moro em Curitiba, e sou fã da Rádio Novelo. E é isso. Que mais?

**Natália Silva:** Uns dias depois da minha conversa com a Débora, a Anna escreveu pra gente porque ela também tinha uma história pra contar.

**Natália:** Você tem algum problema de a gente usar o seu nome se a gente publicar essa história?

**Anna:** Não, não tenho não. Eu sou advogada e eu estava até vendo... eu acho que os crimes que eu cometi já estão todos prescritos, porque eu cometi alguns, né? [risos] Mas estão todos prescritos.

**Natália Silva:** A Anna, que realmente se chama Anna, fez a mesma coisa que a Yasmin. Ela roubou a foto de outra pessoa pra usar em perfis na internet.

Mas bem antes... em 2007.

**Anna:** nesse ano de 2007, eu fui uma pessoa meio... meio ruim assim.

**Natália Silva:** A Anna teve bastante tempo pra pensar no que ela fez... isso tudo aconteceu 16 anos atrás. E ela nem lembrava mais dessa história. Até que um dia, ouvindo o Rádio Novelo Apresenta... ela escutou a história da Vivi.

Como já tem um tempo que esse episódio foi pro ar, acho que o risco de spoiler já prescreveu também. No episódio "Entre Nós", a Vivi conta de quando ela foi enganada por uma amiga. Uma amiga chamada Tanya. A Tanya era real, mas ela criou um grupo de amigos inteiro que não era. Amigos que a Vivi só tinha contato pela internet.

**Anna:** Quando ela começou a falar que era tudo online, eu já... Eu acho que por eu estar do outro lado, eu já matei muito mais rápido assim, sabe?

**Natália Silva:** A Anna já tinha estado do outro lado. Em 2007, no ano em que ela foi uma pessoa "meio ruim". A Anna tinha acabado de sair do ensino médio.

**Anna:** eu tinha passado por uma época de bullying na escola.

**Natália Silva:** Um bullying que durou anos.

**Anna:** Eu comecei a sofrer bullying no ano de 2000, quando eu me mudei para Uberlândia.

**Natália Silva:** A Anna mudou do Paraná pra Minas e foi parar numa escola super tradicional de Uberlândia. Onde todo mundo já era amigo...

**Anna:** e eu era uma estranha no ninho.

**Natália Silva:** A mãe da Anna falou pra ela reagir.

**Anna:** ela falava: "Olha, eu sofri bullying quando eu era criança, eu reagi e o bullying parou". Mas eu não queria, eu não queria agredir fisicamente. Na época eu era muito cristã e eu falava: "Jesus, deu a outra face, né? Então eu vou dar outra face também, eu não vou reagir e tal..."

**Natália Silva:** Mas nem pra Jesus deu certo esse negócio de dar a outra face.

O bullying só foi aumentando...

**Anna:** e aumentando e aumentando... E aí eu pedi socorro pra minha mãe, falei: "Eu não aguento mais". E a minha mãe estava fazendo direito nessa época. E ela falou "olha, vamo... Vamo para o Ministério Público, vamos denunciar".

**Natália Silva:** As famílias dos alunos foram acionadas pela Justiça...

**Anna:** Só que eram famílias muito ricas, muito importantes da cidade, eles acabaram fazendo um acordo com o promotor...

**Natália Silva:** Como a mãe da Anna se negou a receber qualquer valor, porque pra ela aquilo seria lucrar com o sofrimento da Anna, as famílias acabaram doando cestas básicas pra instituições da cidade.

E a história acabou aí. Pra Justiça. Mas pra Anna, não.

Ela continuava com raiva do que tinha acontecido. E muito insegura.

Enfim, os anos passaram, acabou o ensino médio, e a Anna sentiu que era hora de tentar conhecer alguém. Alguém pra se relacionar romanticamente – coisa que era difícil pra ela, com tanta insegurança.

**Anna:** Então eu pensei em conhecer alguém e não usar a minha foto.

**Natália Silva:** Ela pensou em conhecer alguém pela internet. E não usar a foto dela.

Dar a outra face, etc...

Eu sei que não é bem esse o sentido de dar a outra face, mas eu não resisti.

Nessa época, em 2007, não tinha Tinder.

Nem Instagram.

O Facebook tinha acabado de ser criado.

Então, o que as pessoas usavam pra conhecer gente na internet era o Orkut.

**Anna:** E aí nessa época eu tava seguindo um fotógrafo no orkut que eu achava legal. Ele era do Sul e eu de Minas, então não o conhecia pessoalmente. E nessa época ele começou a namorar, e a namorada dele era linda. E aí eu falei "Hum, achei uma foto para usar como se fosse minha", né, pra chamar de minha.

**Natália Silva:** A Anna conheceu um cara num chat online, adicionou ele no MSN...

**Anna:** e no perfil do MSN eu coloquei a foto dela.

**Natália Silva:** E o nome... dela. Da dona da foto.

**Anna:** E eu lembro que eu falei pra ele muito sobre mim mesma. Eu não inventei uma personagem, eu usei apenas a foto e o nome, mas o resto era eu.

**Natália Silva:** E eles conversaram durante um bom tempo.

**Anna:** Eu acredito que foram uns seis meses. Ele acabou se apaixonando e eu também. E a gente entrou nesse meio que romance... Só que eu falei: "Agora não tem como mais destruir, né, a foto, não tem como fazer isso acontecer, né? E aí eu pensei e agora? E às vezes ele falava coisas do tipo... Eu estou me planejando, talvez eu me mude pro sul.

**Natália Silva:** O cara era de São Paulo. E a Anna, na história que ela inventou, morava no Paraná.

**Anna:** E aí começou a ficar uma coisa mais séria. Eu comecei a ficar mais assustada. E na cabeça de uma menina de 17 anos anos... Não achei alternativa a não ser matar a minha personagem para dar um fim nisso...

**Natália Silva:** Ela começou a arquitetar o ato final da história.

**Anna:** Eu falei "Olha, eu vou fazer uma viagem para o litoral".

**Natália Silva:** Ela disse pro cara que ia viajar pro litoral do Paraná.

**Anna:** E eu sabia que esse trajeto da Serra do Litoral para a capital era perigoso. E eu falei: "Pronto, é o lugar ideal para ela sofrer um acidente e morrer... E aí eu acho que ele sentiu que ela ia morrer, porque ele falou "eu estou preocupado com essa viagem". E ele começou a entrar numa paranoia "Não vai nessa viagem, eu estou muito preocupado, tô sentindo alguma coisa".

**Natália Silva:** A Anna imaginária foi viajar. E a Anna real passou uns bons dias sem entrar no perfil do MSN que ela usava pra conversar com o cara. Até que ela entrou.



**Anna:** Eu entrei no perfil e aí tinha um monte de mensagem dele: "Cadê você, tô preocupado, meu Deus do céu", e enfim.. aí eu entrei e falei: "Olha, eu sou irmão dela. E eu vi que tinha o perfil aqui e era o perfil que ela usava pra conversar comigo", enfim, inventei uma história. "E descobri a senha dela em algum lugar e eu estou comunicando os amigos que infelizmente ela faleceu."

**Natália Silva:** O rapaz ficou super abalado. Perguntou onde tinha sido o velório, disse que queria mandar flores...

**Anna:** E aí o meu irmão só, meu irmão, que só saiu e falou: "Olha, eu não posso conversar agora, a família está muito abalada e adeus". E nunca mais tive notícias.

**Natália Silva:** O que me fez ter vontade de falar com a Anna foi a possibilidade de poder perguntar: Por que?

**Débora:** Meu sonho é saber por que ela fez isso, sabe?

**Natália Silva:** Por que a Yasmin fez isso? Eu nunca vou conseguir responder essa pergunta por ela.

E eu escolhi não tentar falar com a Yasmin, porque, depois de tudo que a Débora me contou, eu desconfio fortemente que ela tem algum transtorno mental... e falar com ela, nessas condições, ia ferir a minha ética jornalística.

Não é como se ela não pudesse falar por ela mesma, mas, qual a capacidade que ela tem de entender a gravidade do que ela fez? Eu não tenho como saber isso e foi uma decisão difícil, mas eu achei melhor nem tentar.

E, se não for o caso – se ela não tiver transtorno nenhum – eu acho que não faz sentido entrevistar uma pessoa que passou a vida mentindo.

A gente também não conseguiu perguntar o por quê pra Tanya, a mulher que enganou a Vivi, porque ela morreu há anos. Mas eu podia perguntar pra Anna.

**Natália:** Eu acho que a grande dificuldade quando alguém... com qualquer tipo de mentira, né? Seja dessa natureza, seja qualquer outra. É que quem foi enganado fica sempre se perguntando "por que?"

**Anna:** Hoje, né pensando assim, em retrospecto, eu até já falei dessa situação em terapia e tal, porque hoje eu faço terapia... Eu sinto que teve ali um pontinho de sadismo, sabe? Teve algum gosto daquilo, algum... eu tirei algum prazer naquilo de estar lidando com uma pessoa sem ela saber que era eu, e eu estar manipulando os sentimentos dessa pessoa. E aí eu tirei que essa conclusão desse sadismo veio um pouco depois, como uma resposta ao bullying que eu sofri durante todo esse tempo. De alguma forma, eu extravasei todo aquele bullying que eu sofri durante a escola e em outras pessoas, sabe?

**Natália:** Você sentia raiva...

**Anna:** É, era um pouco de forma de extravasar essa raiva. Ao invés de pegar uma metralhadora e matar todo mundo da escola, eu fazia mal de outras formas, sabe? Eu enganava. Mentia... Hoje eu me sinto mal, assim, de ter feito, mas eu também entendo o que a Anna daquela época passou, sabe? Eu não bato tanto nela não...

**Natália Silva:** Essa história – essas histórias, na verdade, esse vai e vem entre a Débora, a Yasmin, a Vivi, a Tanya, a Anna... – tudo isso me lembrou de uma música.

Chama "Revezamento". Na verdade, chama "Relay", em inglês. É uma música da Fiona Apple. E eu gosto muito desse álbum que tem essa música, porque eu acho que todas as músicas dariam um filme.

Sério. Às vezes, com uma frase, ela consegue capturar um sentimento muito complexo. E eu acho que essa música, "Relay", podia resumir essa história toda que eu te contei aqui.

Ou seja... você passou o que, 40 minutos comigo? Podia ter passado 5 com a Fiona Apple. Mas enfim, agora já foi.

A música diz: "O mal é um esporte de revezamento. Aquele que se queima, passa o bastão".

Paulo Freire já disse isso com outras palavras também, né? "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor".

O porquê, pra mim, é esse.

As pessoas se machucam.

E aí elas machucam os outros.

Às vezes por querer, às vezes sem querer...

Porque... sim.

Eu sei que é um final de história muito frustrante.

Mas a vida é assim, na maior parte do tempo.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

Obrigada por ficar com a gente até o final de mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no arroba radionovelo.

E fica o convite pra você seguir também o nosso canal no YouTube – que é outro jeito de ouvir os mesmos episódios de sempre.

No site da Novelo tem sempre conteúdo extra sobre as histórias, e também a transcrição dos episódios.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio a gente usou música original da Luna França e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.